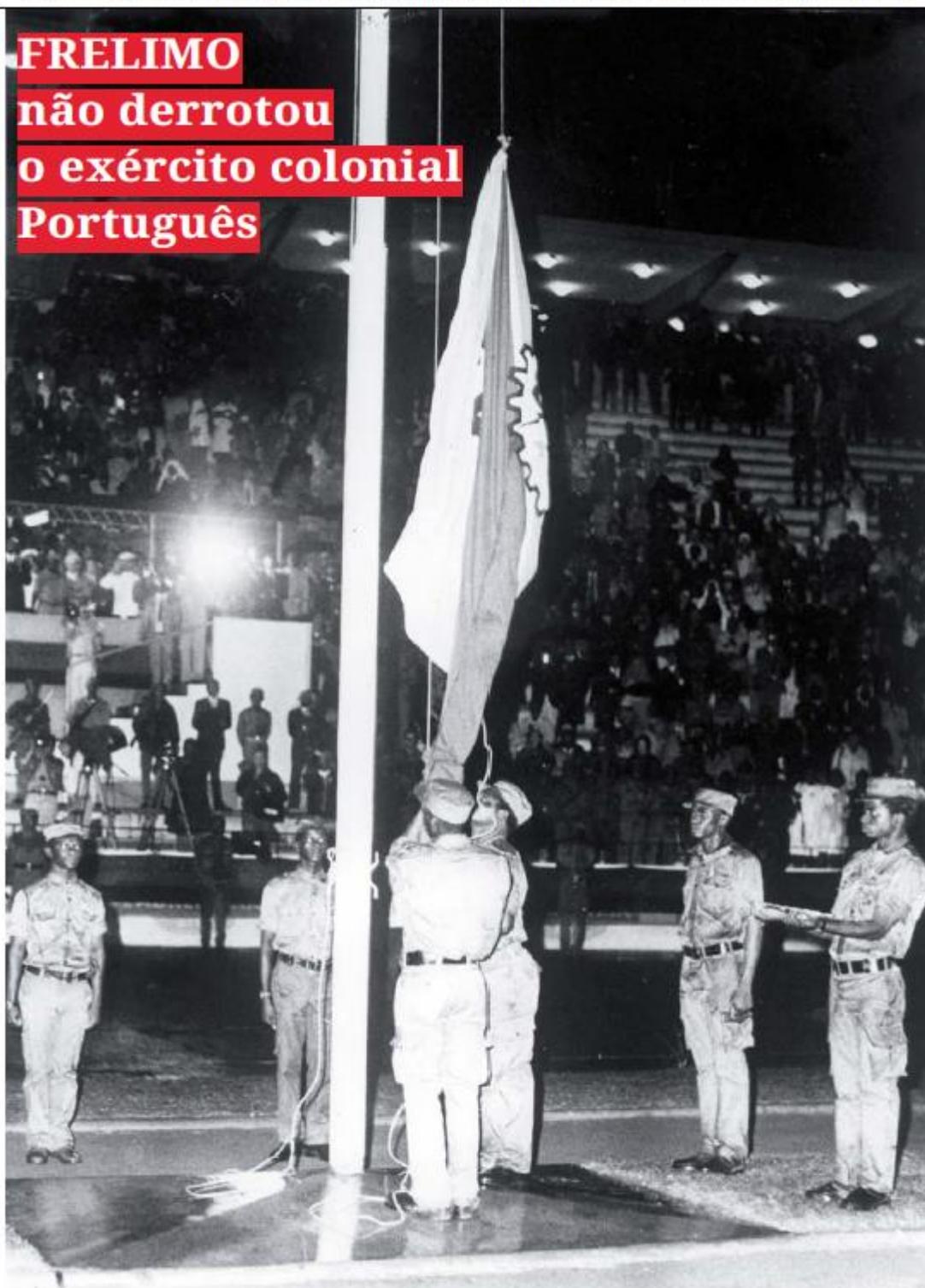
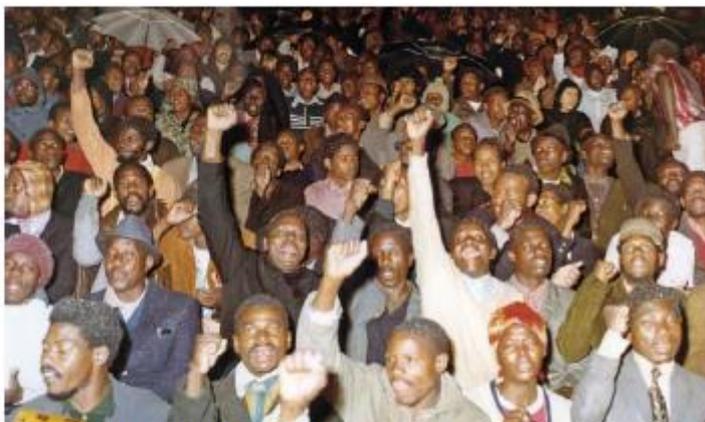


**FRELIMO  
não derrotou  
o exército colonial  
Português**



*A narrativa ensinada nas escolas e propagandeada que a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) derrotou o exército colonial Português é desmentida pelo historiador inglês Malyn Newitt: "As unidades militares começaram a recusar-se a combater e, em muitas zonas, teve lugar confraternização com a FRELIMO. No entanto, a FRELIMO continuou a guerra, avançando pela Província da Zambézia e para Sul, em direcção ao Save. Não encontrou qualquer resistência".*

“A revolução de Abril trouxe a confusão e o caos a Moçambique. O exército e o governo civil não sabiam muito bem a função que desempenhavam ou sequer de quem recebiam ordens. O general Costa Gomes, o chefe de estado, visitou a colónia em Maio para fortalecer a posição do MFA no seio do exército em Moçambique, mas não esclareceu o rumo que os acontecimentos estavam a tomar. As unidades militares começaram a recusar-se a combater e,



em muitas zonas, teve lugar confraternização com a FRELIMO. No entanto, a FRELIMO

→ continuação Pag. 01 - FRELIMO não derrotou o exército colonial Português

continuou a guerra, avançando pela Província da Zambézia e para Sul, em direcção ao Save. Não encontrou qualquer resistência. Em Lourenço Marques, a DGS foi abolida, os presos políticos libertados e o governador-geral chamado a Lisboa”, escreve o professor de História na Universidade de Exeter no Reino Unido, Malyn Newitt.

No livro intitulado “História de Moçambique” o historiador inglês recorda que com a revolução que pôs termo a ditadura em Portugal, na então colónia “Surgiram movimentos políticos de todas as cores na recém-adquirida liberdade. Antes da revolução, Jorge Jardim, abastado homem de negócios moçambicano e antigo confidente de Salazar, havia tentado obter apoio de Lisboa para uma coligação que negociaria



a independência, usando o Presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia como intermediário. Então, a GUMO, uma organização de colonos aprovada por Caetano nos últimos dias do regime, juntou-se em Agosto à antiga liderança da Coremo – com Simango e Gwenjere – para formar o PNC, que estava sediado na Beira. Surgiram grupos que diziam representar os

interesses dos Macuas; um deles, a Frecomo, era chefiado por Joana Simião. Colonos brancos conservadores formaram a Fico e liberais radicais brancos reformaram os Democratas moçambicanos (sob o acrónimo MUDM) e empenharam-se em campanhas em nome da FRELIMO. O novo governador de Moçambique era um antigo membro do MUDM.”

“A FRELIMO era relativamente alheia a grande parte do país que ia governar”

“Em Junho de 1974, tiveram lugar as primeiras negociações entre Portugal e a Frelimo. Os Portugueses pretendiam um cessar-fogo que a FRELIMO não queria conceder. Consequentemente, a ordem começou a desintegrar-se em Moçambique; verificaram-se inúmeros ataques a colonos brancos e a propriedades portuguesas, e em Agosto a FRELIMO, tardiamente, pôs termos à sua campanha militar” reza a História.

Newitt indica ainda na sua extensa obra, que versa sobre o nosso país desde o século XV até ao presente, que “O acordo que concedia a independência a Moçambique foi assinado a 28 de Se-

tembro, pouco antes de Spínola ser obrigado a demitir-se. Assinalou, e em certa medida ajudou a cimentar, a supremacia temporária no Portugal do MFA, que levou à assinatura, em Janeiro de 1975, do Acordo do Alvor para a entrega do poder em Angola”.

“O Acordo de Lusaka entregou o poder à FRELIMO quase incondicionalmente. Não se realizaram eleições nem referendo e houve apenas nove meses de administração provisória antes da comemoração da independência em Junho de 1975. Muitos moçambicanos desconheciam os novos governantes que tiraram o poder aos Portugueses, e a FRELIMO era relativamente alheia a grande parte do país que ia governar”, assinala ainda o professor de História Malyn Newitt.